

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CAMPO DAS POLIFONIAS ENTRE AFETIVIDADE E A EDUCAÇÃO

Ivany Pinto *

RESUMO

Neste artigo, abordamos a Teoria das Representações Sociais no campo das polifonias entre a emoção e a educação, na perspectiva de Moscovici, Jodelet, Banchs e Maturana. Por fim, falamos sobre a contribuição da Teoria das Representações Sociais para o campo da educação. A metodologia que utilizamos foi a da pesquisa bibliográfica. O estudo aponta que a Teoria das Representações Sociais, inaugurada por Moscovici (1978), é uma forma de conhecimento sobre os saberes partilhados pelos grupos sociais que tanto estruturam sujeitos quanto suas realidades sociais. A articulação entre as representações sociais e a dimensão afetiva emocional reside em considerar que a emoção está presente no processo de construção destas representações e vice versa. A educação, segundo Maturana (1998) se constitui em um processo de convivência com o outro, e este processo aproxima e transforma um e outro ao fazer com que ambos aprendam a conviver em sociedade. O estudo das representações sociais oferece uma contribuição significativa para a área da educação, quanto aos conhecimentos que orientam o processo educativo, sua estrutura, seus mecanismos e suas leis quanto à forma de pensar e agir dos atores envolvidos nesse processo.

Palavras-chaves: Representações sociais – Afetividade – Educação

ABSTRACT

THE SOCIAL REPRESENTATIONS IN THE FIELD OF THE MULTIPLE VOICES BETWEEN AFFECT AND EDUCATION

In this paper, we discuss the Social Representations Theory in the field of the multiple voices between emotion and education, in the perspective of Moscovici, Jodelet, Banchs and Maturana. Finally, we explore the contribution of the Theory of the Social Representations in the field of the education. We use bibliographical research. The study shows that the Theory of the Social Representations, inaugurated by Moscovici (1978), is a knowledge form about knowledge shared within social groups which mold both subjects and their social realities. The articulation between social representations and the affective dimension means considering that emotion is present in the process of construction of these representations and vice versa. Education, according to Maturana (1998), is constituted in a process of living with the other one. This process approximates and transforms I and the other as both learn to coexist in society. The study of social representations offers a significant contribution for education

* Doutora em Psicologia da Educação pela PUC/SP. Docente, Pesquisadora e Vice-Diretora do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Pará, Rua Augusto Corrêa 01, Guamá, Cx.Postal 479 – 66075-110 Belém/PA. E-mail: ivany.pinto@gmail.com

as the knowledge that guides the educative process, its structure, mechanisms and laws about the process actor's way of thinking and acting.

Keywords: Social Representations – Affect – Education

A seleção de caminhos a serem percorridos para a construção e visibilidade do objeto de pesquisa é o desafio que nos inquieta, nos últimos cinco anos. Esse desafio nos faz perseguir práticas que possam dar conta não somente do seu delineamento, mas das dimensões em que esse objeto se corporifica.

Uma das opções de ordem teórica e metodológica feitas para tal fim foi o trabalho com os significados partilhados, expressos pelo discurso. Esse trabalho conseguiu revelar as propriedades específicas atribuídas pelos grupos sociais a um determinado objeto. Essas propriedades cumprem a função de balizadores de sentidos que orientam os pensamentos, os sentimentos, as ações e as condutas destes grupos, sem os quais não conseguiriam preencher as lacunas de sua inscrição mental.

Neste artigo, abordaremos as representações sociais no campo das polifonias entre a emoção e a educação. Na perspectiva de Moscovici, Jodellet, Banchs e outros afins, o campo polifônico das representações sociais institui-se para uma possível articulação com a dimensão afetiva emocional, na perspectiva de Maturana ao levar em consideração a emoção na educação humana.

O desafio da elaboração deste texto se lança para a autora; pois esta tessitura prescinde da utilização cuidadosa de tintas e pincéis que, por entre traços e rabiscos, possam colorir e delinear formas e significados consistentes para que o leitor-ouvinte seja mais um a aceitar o convite para adentrar no campo das polifonias entre as representações sociais, emoções, e a educação.

A Teoria das Representações Sociais tem sido a interlocutora e companheira com a qual compartilhamos de suas concepções e proposições metodológicas para encaminhar olhares investigativos sobre determinados fenômenos psicossociais.

Essa teoria, inaugurada por Moscovici (1978), é uma forma de conhecimento sobre os saberes partilhados pelos grupos sociais que tanto estruturam os sujeitos quanto suas realidades sociais. O senso comum das elaborações mentais, decorrentes das interações dos grupos sociais, é fundamen-

tal para se entender a racionalidade das ações individuais e coletivas dos sujeitos. Além disso, outras dimensões, como a emoção e a educação, se inscrevem nesta atividade de representar a realidade e orientar condutas sobre ela.

O conhecimento sobre as representações sociais, portanto, se situa na zona de interseção entre a psicologia e a sociologia. Dessa forma, os fenômenos adquirem caráter psicossocial, uma vez que subsidiam a construção do sujeito na sua individualidade e coletividade, bem como a materialidade de sua existência. Neste sentido, a relação do sujeito com o(s) outro(s) é(são) imprescindível(veis) para o seu desenvolvimento e sua aprendizagem.

O entrelaçamento entre sujeitos pela via das suas interações promove trocas e faz com que suas premissas afirmativas se reorganizem e gerem outros saberes para funcionarem como elos na montagem de cadeias de sentidos, necessária tanto para a organização interna-externa do sujeito quanto para a sua vida.

Ao fazer a opção de efetivar pesquisas à luz da Teoria das Representações Sociais, algumas preocupações se fazem presentes sobre o campo psicossocial na perspectiva das interações, comunicações e informações, das quais o sujeito é constituidor e constituído. Uma delas é com a apreensão da complexidade que envolve os fenômenos psicossociais, por entendermos que a lógica que sustenta o pensamento sobre as representações sociais precisa dessa compreensão para construir o objeto, alvo da pesquisa.

Essa é uma preocupação que compartilhamos com aqueles pesquisadores que dialogam com a Teoria das Representações Sociais e visam ultrapassar a leitura do que ali se encontra, enquanto aparência sobre um determinado fenômeno.

Essa apreensão da complexidade que envolve os fenômenos psicossociais não é uma tarefa simples, pois a complexidade de um fenômeno do ponto de vista da apreensão de suas múltiplas facetas é da ordem da impossibilidade de abarcá-las em suas totalidades.

Daí que uma representação social não pode ser confundida com o fenômeno que suscitou a sua origem. Ela, ao mesmo tempo em que desnuda uma das faces do fenômeno, deixa outras na espera de vir a ser um objeto de futura investigação. Somente a posteriori será possível descortinar outras dimensões que a sensibilidade, o olhar, a intuição não conseguiram decodificar.

Os universos de partilhas e elaborações de pensamentos entre os sujeitos sobre a vida cotidiana “geram um conhecimento implícito, subjacente ao nosso comportamento e às nossas atitudes sociais, sem que habitualmente sejamos conscientes deles.” (POZO, 2002, p. 201). Esses conhecimentos sistematizam e dinamizam culturas nos diversos segmentos sociais, ou seja, são regras e valores que regulam atitudes comportamentos e sentimentos de sujeitos para com seus grupos de pertença.

A pesquisa das representações sociais de um grupo de sujeitos sobre um fenômeno tem a função de produzir um conhecimento sistematizado sobre o saber consensual do qual esse fenômeno se reveste. O contexto, neste cenário, é imprescindível para entendermos o jogo de figura e fundo que dão corpo e expressão ao objeto.

Essa referência se processa a partir da construção do objeto de pesquisa que segue as matrizes conceituais dessa teoria. Um traço aqui, outro ali, uma curva, um tracejado, um zigue-zague num desenho lógico e mágico. Assim, iniciamos a construção de imagens sobre um objeto que se liga aos sentidos, aos contextos, aos valores que permeiam o dia a dia de um grupo social.

Essas imagens e seus respectivos sentidos com as quais montamos a realidade estão para além da simples memória partilhada pelo grupo sobre os objetos que o cercam. Elas são capazes de orientar a ação dos sujeitos. Os objetos são transpostos para o campo do imaginário e revestidos de sentidos que corporificam a sua materialidade.

Neste sentido, a construção da realidade se insere no campo do irreal, uma vez que ela se produz na tela mental do imaginário coletivo (MAFFESOLI, 1984). A vida social, segundo esse autor, é tecida nas malhas do imaginário, do simbólico, do lúdico e da emoção. Esse conjunto é que mantém a vida dos sujeitos, em que pese as pressões dos poderes sociais constituídos. A rede soci-

al é a sua essência simbólica e o imaginário representa a evidência dessa inscrição vivida pelas sociedades complexas. Essa complexidade abriga uma pluralidade de dimensões simbólicas que compõem a vida social.

Toda a sociedade possui imaginário, afirma Pantaglean (1990), o qual se constitui por um conjunto de representações cuja fonte são as múltiplas experiências, como, por exemplo: os sonhos, os desejos, as utopias, as repressões, os jogos, as artes, as festas, os espetáculos, a consciência do corpo e os involuntários da alma.

O imaginário, para Durand (1988), é o centro de referência de toda a produção humana. Nele se constituem as produções, atitudes e opiniões e outros recursos próprios da capacidade imaginativa. A manifestação do imaginário se dá pelo arranjo de símbolos e imagens, por meio dos quais o sujeito revela seus saberes.

O símbolo é uma representação, um signo que torna possível as idéias ausentes. Ele é uma convenção, com o qual o significante e o significado mantêm uma relação de complementaridade e permuta ao materializar aqueles objetos que, até então, eram estranhos para aquele grupo.

Cabe observar que o objeto de pesquisa alimenta também uma complexidade tal e qual a de seu fenômeno. Antes do recorte de uma de suas facetas para investigação, cabe o seguinte questionamento: este fenômeno social pode ser um objeto de representação social para um grupo? Dito de outra forma, este fenômeno é familiar para esse grupo?

Encontraremos essas respostas ao compreendermos que um fenômeno social pode ser um objeto de representação social e, portanto, passível de estudo, se ele fizer parte da realidade social daquele grupo. Se, conseqüentemente, os pensamentos, os sentimentos que o grupo nutre sobre ele orientarem suas práticas. Significa que uma representação social é sempre de um grupo sobre alguma coisa.

Para complementar essa concepção, destacamos Jodelet, principal colaboradora de Moscovici, que, diante de seus estudos teórico-metodológico sobre a Teoria das Representações Sociais, afirma que uma representação social possui cinco características:

- é sempre a representação de um objeto;
- tem um caráter de imagem e a propriedade de poder intercambiar o sensível e a idéia, a percepção e o conceito;
- tem um caráter simbólico e significante;
- tem um caráter de construção e reconstrução;
- tem um caráter autônomo e criativo (JODELET, 1986, p.478).

Em resumo, ao se pensar nas representações sociais como um processo de apropriação do objeto provindo de um fenômeno social, pensa-se também que esse objeto deve ser um elemento do campo relacional de um grupo. Implica dizer que não existe representação sem existir a relação entre sujeito e objeto. Toda a representação possui uma imagem e um significado e, portanto, é simbólica, construtora e reconstrutora, autônoma e criativa.

Essas características assinalam que a representação social é uma forma de conhecimento que modela o objeto, utilizando-se de vários recursos, como: os lingüísticos, a comunicação, as ações e os materiais (JODELET, 1989).

Quanto aos campos de estudo das representações sociais, Jodelet (1989) destaca três perguntas básicas que delineiam este campo: 1) Quem sabe e de onde sabe? 2) O que e como se sabe? 3) Sobre o que se sabe e com que efeito?

Estas questões sinalizam pistas não somente para a caracterização do grupo social, alvo de estudo, como também para a forma como esse grupo lida com os conhecimentos partilhados, os organiza e os materializa para servir de referência em suas práticas.

Essas perguntas correspondem, respectivamente, às seguintes dimensões de estudo: “1) produção e circulação das Representações Sociais; 2) processo e estado das representações sociais; 3) o estatuto epistemológico das representações sociais” (SÁ, 1998, p. 32).

Quanto à primeira dimensão, as condições de produção e circulação das representações sociais possuem seus referenciais na “cultura, linguagem, comunicação e sociedade” (SÁ, 1998, p. 32). Esta dimensão trata da investigação da relação entre o contexto sócio-cultural e o aparecimento e a propagação das representações sociais.

A segunda dimensão – o processo e estado das representações sociais – trata da investiga-

ção do que é pensado sobre determinado objeto, foco das representações sociais (discurso, registros, práticas) para, posteriormente, deduzir seu conteúdo, sua estrutura e a análise dos processos formadores das representações sociais, bem como sua lógica e sua possível transformação (SÁ, 1998).

Por fim, a terceira dimensão, o estatuto epistemológico das representações sociais, trata do estudo das relações entre as representações sociais e a ciência, ou seja, entre o pensamento natural, aquele produzido no cotidiano, e o pensamento científico.

Essas três dimensões do campo das representações sociais se articulam e, portanto, a pesquisa desenvolvida nessa área deve mantê-la dentro do possível (SÁ, 1998).

É fundamental que compreendamos como um fenômeno estranho para um grupo social se transforma em familiar a partir das imagens (forma) e significações (conteúdo) que o grupo atribui a ele. Moscovici nomeia esse processo, respectivamente, de objetivação e ancoragem a essa prática de elaboração exercida pelo trabalho cognitivo, que perpassa os corações e os fazeres dos sujeitos.

Após a abordagem de alguns fundamentos das representações sociais, importantes para o seu campo de investigação, perguntamos: qual o papel da dimensão emocional na construção das representações sociais e de que forma a educação se integra nessa construção?

O estudo sobre o papel das emoções na construção das representações sociais ainda é limitado. Banchs aponta que as representações sociais têm sofrido críticas pelo fato de não explicar “o papel que a experiência privada e afetiva, quer dizer, a subjetividade individual, pode jogar na elaboração das representações” (1995, p. 97).

Essa dúvida ou lacuna quanto à explicação sobre o papel das emoções se amplia, por um lado, para a escola americana de psicologia social. Por outro, os teóricos que se intitulam construcionistas (VALENCIA, PAÉZ e ECHEBARRIA, 1988), ao enfatizar acentuadamente a dimensão social, histórica, dinâmica e construtiva da realidade, atribuem à emoção um papel cognitivo presente na narrativa de grupos sociais e, portanto, atribuem a ela um caráter coletivo.

Desse modo, as emoções estão presentes e são elos fundamentais no processo de construção de representações sociais, pois o ato de representar só se torna necessário quando a idéia sobre algum objeto ou alguém se vincula ao afetivo-emocional. Implica em dizermos que a dimensão afetiva é parte ativa na representação..

Entendemos que a crítica sobre o papel das emoções nas representações sociais reside muito mais por elas serem pouco enfatizadas nos estudos sobre as representações sociais do que propriamente a sua negação enquanto uma dimensão imprescindível na construção das RS's.

Se a representação é elaborada a partir da pacatuação de um grupo social e resulta em uma elaboração mental que consolida um conhecimento que passa a assumir uma função determinante no modo como esses sujeitos se constituem e constroem a realidade, é evidente que as emoções estão presentes desde o início desse processo de construção.

Significa que as interações que integram o estabelecimento de vínculos para a construção de grupos possuem a dimensão emocional. Como nos diz Maturana (1977), a emoção é basilar na história humana, pois remete à nossa origem. As interações necessitam da emoção para a regularidade de condutas humanas. Sem o componente emocional, o que existe são encontros casuais próprios dos comportamentos de bandos encontrados na vida de outras espécies de animais.

Ao aceitar o desafio de elaborarmos este texto, propusemo-nos à utilização meticulosa de tintas cujas tonalidades delineassem, a partir de traços e rabiscos, as formas e os significados que pudessem desvelar o papel das emoções na construção das representações sociais. Assim estamos seguindo e, dentre as abordagens sobre as emoções, nossos rabiscos se utilizam das tintas com as quais Maturana imprime significados sobre as emoções enquanto componente essencial da manutenção das interações dos grupos humanos. Esse tom pode fornecer uma contribuição, sem a pretensão de esgotar essa discussão, mas a validade está em se reiterar o pensamento sobre a emoção enquanto um componente do processo de construção das representações sociais de um grupo sobre um determinado fenômeno.

Muito embora Maturana enfatize o fenômeno biológico como fonte primária das emoções, das interações e demais comportamentos da espécie humana, não significa que a natureza biológica da espécie humana esteja submetida à determinação do sistema orgânico e seu processo de maturação. Maturana (1998) deixa claro que a natureza biológica humana é perpassada pela história da linhagem homínida a que pertencemos. Logo, em sua concepção, a biologia humana é transformada pela cultura.

O humano se constitui no inter cruzamento do racional com o emocional. A linguagem é um componente da emoção e, segundo este autor chileno, além da função de comunicar, intercambiar idéias, opiniões e significados, tem a função de partilhar emoções e mediar a dimensão emocional que perpassa a vida de grupos sociais.

O amor e a rejeição são duas emoções que Maturana considera pré-verbais, uma vez que a existência de ambos antecede a comunicação. Tanto a rejeição quanto o amor são concebidos como viscerais. Fazem parte da história e da evolução humana e no entanto, na visão deste teórico chileno, essas emoções não são antagônicas. São faces de uma mesma moeda e o oposto das duas é a indiferença.

Uma articulação com o lugar que ocupam essas emoções na construção das representações sociais pode ser pensada a partir do pensamento deste autor, do ponto de vista das imagens e significados que grupos sociais partilham sobre determinados objetos ou acontecimentos ou ainda pessoas e/ou grupos. As atitudes de aproximação ou rejeição desses grupos sobre um objeto ou acontecimento devem ser levadas em consideração na composição das representações sociais. Assim como também o tempo de transformação de um fenômeno estranho em familiar e sua valoração por um determinado grupo. Tanto as atitudes de aproximação ou rejeição quanto o tempo de transformação do estranho em familiar indicam marcas das emoções que compõem imagem-objetividade e significado-ancoragem que o grupo atribui a um fenômeno.

Significa que as premissas básicas da hierarquia das preferências de um grupo fundam-se na emoção e, portanto, a elaboração mental de ima-

gens e significados opera a partir da emoção, seja ela consciente ou não.

Cumprir notar que as emoções, na concepção de Maturana (1998), são sistemas dinâmicos corporais que determinam o campo de ações onde os grupos se movimentam. Dessa forma, quando a emoção varia, o campo de ações se transforma. Este é um outro ponto da teoria desse autor que podemos utilizar para pensar sobre as emoções no campo das representações sociais na perspectiva da orientação de condutas. Significa que, quando as emoções sobre um determinado objeto se transformam, a conduta em relação a ele sofre alterações, assim como o campo de ação.

Podemos então atribuir mudanças também nas representações sobre esse objeto. Estas se processam de acordo com as emoções que lhe dão suporte. Portanto, a dimensão racional que orienta a lógica das ações humanas se constitui a partir da dimensão emocional.

Até aqui evidenciamos alguns aspectos de articulação entre as representações sociais e o lugar das emoções nesse processo de construção de imagens e significados partilhados pelos grupos sociais sobre um fenômeno. Perguntamos: onde cabe a educação neste cenário, como um terceiro elemento do campo de polifonias que ousamos rabisar?

Adiantamos que as representações sociais se articulam no campo da educação e ambas no campo das emoções. Se a educação se constitui em um processo de convivência com o outro e esse processo aproxima e transforma um e outro, ao fazer com que ambos aprendam a conviver em sociedade, então, como diz Maturana, “a educação como “sistema educacional” configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação” (1998, p.29).

Assim ocorre com os educadores. Estes reatualizam as histórias de sua educação em suas práticas de educadores. Significa que “a educação como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente” (MATURANA, 1998, p.29).

As interações e as emoções vividas na infância e na juventude são concebidas por esse neurobiólogo como marcas que acompanham o homem ao

longo da vida. Elas servem de base para a composição de representações sociais tanto de crianças quanto de jovens sobre as coisas que estão no mundo.

A educação traz a possibilidade de que a criança desenvolva o respeito por si mesmo e pelo outro a partir da convivência. Contudo, é importante que nós, educadores, “vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser”, porque assim aprenderá a aceitar e respeitar os outros (MATURANA, 1998 p.30).

Para esse autor, o respeito e a aceitação a si e ao outro são balizadores da educação. A reflexão sobre os fazeres é que propicia mudanças nos modos de viver o cotidiano. Ela é a cor que imprime saberes. Maturana destaca que é impossível interpretar a realidade cindida daquilo que fazemos. A realidade não fala, somos nós, sujeitos humanos, que representamos o mundo, a realidade e as coisas.

A construção de novos saberes depende da reflexão sobre os erros e/ou enganos, que se interpõem aos fazeres para, dessa forma, construir novas formas de viver consigo e com o outro.

Podemos pensar na possibilidade de reconstrução, se assim cabe nomear, de representações sociais de sujeitos a partir do processo educativo, desde que a interação com o outro seja de respeito e aceitação sobre o que o sujeito educando é e o que vive.

O discurso e a prática devem ter consonância, para Maturana, pois, na maioria das vezes, esquecemos que amar, respeitar o desejo e as diferenças de si e do outro devem fazer parte de um conjunto de ações nas quais a legitimidade de si e do outro é constituída na convivência. A responsabilidade emerge na medida em que refletimos sobre as conseqüências de nossas ações. A liberdade revela-se quando optamos por esta ou aquela conseqüência decorrente de nossas ações. Quando não podemos modificar nossas escolhas (fazeres), ficamos impedidos de superar fazeres e formas de viver a condição humana.

Para a área da educação, o estudo das representações sociais oferece uma contribuição significativa para se pensar sobre os conhecimentos que orientam tanto o processo educativo, sua es-

trutura, seus mecanismos e suas leis quanto à forma de pensar e agir dos atores envolvidos nesse processo.

A importância do estudo da teoria das representações sociais e sua aplicabilidade no campo da educação reside em compreender, a partir da pesquisa, os operadores psicossociais das condutas de grupos, assim como estruturas simbólicas de sujeitos que estão envolvidos no processo educativo, no caso, pais e filhos, professores e alunos. Assim também os mecanismos pelos quais os fatores sociais agem sobre os processos educativos e modificam seus resultados (GILLY, 1989).

As representações sociais relativas à educação, escola, professores, alunos... não são independentes de outros sistemas de representações existentes nos demais segmentos sociais. Significa que essas representações participam da dinâmica psicossocial dos extra-muros da escola.

Considerações finais

Para finalizar, após percorrer uma trajetória que objetivou dar forma e corpo às representações sociais no campo das polifonias entre a emoção e a educação por entre alguns traçados e rabiscos, compreendemos que a emoção e a educação são dimensões importantes e presentes no campo das representações sociais. A orientação de condutas de grupos sociais se inscreve em uma cadeia de imagens e significados na qual a emoção, os pensamentos, a linguagem, a convivência e os fazeres consolidam a construção de conhecimentos para dar sentido e orientação à vida dos grupos.

O campo de discussão não se fecha aqui e, portanto, o desafio de mais um soa para a autora como um convite para a continuidade e o aprofundamento destas e outras questões importantes para o avanço dos estudos da Teoria das Representações Sociais.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. Les représentations sociales: aspects théoriques. In: _____. (Org.). **Pratiques sociales e représentations**. Paris: PUF, 1994. p. 59-82.
- ANADON, Marta; MACHADO, Paulo Batista. **Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais**. Salvador: EDUNEB, 2001.
- ANDRADE, Maria A. Alonso. A identidade como representação e a representação da identidade. In: MOREIRA, Denise Cristina; OLIVEIRA, Antonia (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2000.
- BERGER, L. P.; LUCKMANN, T. A **Construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BANCHS, Maria A. O papel da emoção na representação do SELF e do outro em membros de uma família incestuosa. In: LANE, Silvia Maurer; SAWAIA, Bader Burihan (Orgs.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense: EDUC, 1995. p. 97-113.
- CIRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo: Ática, 1995.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- ELIAS, Norbert. **Sociedade dos indivíduos**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- FARR, Robert. Representações sociais: a teoria e a sua história. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVTCH (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 31-59.
- GILLY, M. Les représentations sociales dans le champ éducatif. In: JODELET, D. **Les représentations sociales: un domaine en expansion**. Paris: Presses Universitaire de France, 1989. p. 259-312.
- GUIMELLI, Christian. **Structures et transformations des représentations sociales**. Paris: Delachaux et Nestlé, 1994.
- GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. Tradução Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson learning, 2003.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: _____. **Les représentations sociales: un domaine en expansion**. Paris: PUF, 1989. p. 259-312.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, p.74-81, ago., 2001.

MATURANA, Humberto; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson (Orgs). **Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: EDUFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

_____. (Org.). **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Tradução Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: EDUFMG, 2001. . p. 45-203.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.

NASCIMENTO, Ivany Pinto. **As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes**: um estudo psicossocial. 2002. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

PANTAGLEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOOF, Jacques (Org.). **A história nova**. Traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p 25-64.

POZO, Juan Ignacio. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

VALENCIA, J.; PÁEZ, D; ECHEVARRIA, A. **Emociones: perspectivas psicosociales**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1988.

Recebido em 03.05.09

Aprovado em 23.05.09